

*Importância da Biblioteca nos Programas de Alfabetização e Educação de Base (\*)*

EDSON NERY DA FONSECA  
Bibliotecário da Câmara dos Deputados,  
Brasília

1. INTRODUÇÃO: BIBLIOTECA POPULAR E BIBLIOTECA ESPECIALIZADA.  
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

N o ensaio que escreveram para a segunda edição do livro *Documentation*, de S. C. BRADFORD, JESSE SHERA e MARGARET EGAN, fazendo embora uma admirável e profunda análise do "estado atual da biblioteconomia e da documentação", cometeram, a nosso ver, um lamentável equívoco, ao censurarem os bibliotecários que "se afundaram na onda de entusiasmo pela cultura popular" (29: 25). (\*\*) Nota-se, no referido ensaio, um injustificável desprêzo pela educação de adultos e pela democratização da cultura. Eles lamentam que as bibliotecas se tenham transformado em agências educacionais, quando deviam ter resolvido os problemas da informação científica.

Discordamos fundamentalmente dessa colocação do problema. Parece-nos que entre Biblioteconomia e Documentação deve haver o mesmo tipo de relações que a Constituição brasileira estabelece para os poderes do Estado: "independência e harmonia". A Biblioteconomia e a Documentação devem ser, como os poderes políticos, independentes e harmônicos entre si. Não há porque pedir às bibliotecas que resolvam os problemas da informação científica. A solução de tais problemas compete aos centros de documentação e às bibliotecas especializadas. A missão das bibliotecas públicas é aquela que SHERA e EGAN injustificavelmente desdenham: a cultura popular, a educação de adultos, a democratização da cultura.

Certo, não podemos hoje falar em democratização da cultura com a mesma fé ingênua dos iluministas do século XVIII ou dos humanitaristas do XIX. Mas se retirarmos das bibliotecas públicas esta sua função tradicional, obrigando-as a cuidar de pro-

---

(\*) Comunicação apresentada à Semana da Promoção Social, promovida no Recife, em outubro de 1961, pelo Governo do Estado de Pernambuco.

(\*\*) O primeiro número indica a referência bibliográfica e o segundo a página citada.

blemas que devem ser resolvidos pelas bibliotecas especializadas e pelos centros de documentação, acreditamos que elas ficariam seriamente mutiladas. Como observa o bibliotecário dinamarquês P. KIRKEGAARD, "good library service is one kind of 'adult-education activity', and during the past 20 years more and more libraries have realized their responsibilities as institutions, primarily for adult education" (11: 130-131). Para reconhecer isto não é preciso acreditar nos velhos e desmoralizados chavões do tipo "abrir escolas é fechar prisões" ou "bibliotecas são hospitais de almas". Basta examinar o que é educação de adultos e educação de base, para ver que as bibliotecas públicas são *conditio sine qua non* do sucesso de tal tipo de educação.

2. INSUFICIÊNCIA DA ALFABETIZAÇÃO SEM EDUCAÇÃO DE BASE.  
INTEGRAÇÃO DOS PROGRAMAS DE ALFABETIZAÇÃO NOS  
PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE BASE. PRIMAZIA  
QUE DEVEM TER AS BIBLIOTECAS POPULARES  
EM TAIS PROGRAMAS

Entre as muitas definições de educação de base ou educação fundamental, preferimos a das Nações Unidas e da Unesco, assim expressa no *Yearbook of Education, 1954*: "A educação fundamental é um tipo de educação geral mínima, que se propõe a ajudar a crianças e adultos que não recebem os benefícios de uma educação formal, para que possam entender os problemas do seu ambiente imediato, seus direitos e deveres como cidadãos e indivíduos, e para que participem com maior efetividade no progresso econômico e social da sua comunidade" (5). Vê-se claramente que a educação de base tem dois objetivos primordiais: o desenvolvimento da personalidade e o bem-estar social. Sabemos que sem êsse bem-estar não há interêsse em aprender. Por isso afirmamos que a alfabetização, pura e simples, não satisfaz. Os programas de alfabetização e de educação de base devem ser coordenados, a fim de que não haja entre êles o "hiato nocivo" que nossos educadores apontam entre o fim do curso primário e o início das atividades profissionais. Alfabetizar, como assinala ABREU-GOMEZ, não deve ser apenas ensinar a ler e escrever, mas ensinar a viver.

Não temos dúvida em afirmar que, na educação de base, a biblioteca pública é mais importante do que a escola. Talvez não se compreenda isto em nosso país, porque, malgrado o progresso que já alcançamos na técnica moderna de organização de bibliotecas, ainda estamos muito longe do ideal. Temos, é verdade, o que podemos chamar de boa e, em alguns casos, até ótima infraestrutura biblioteconômica. Mas nossas bibliotecas são máquinas das quais não soubemos ainda extrair tôdas as potencialidades. Esta situação, aliás, é comum a quase todo o Continente, como

podemos verificar consultando o resultado de um inquérito levado a efeito pela União Pan-Americana: só nos relatórios dos Estados Unidos e da Venezuela vamos encontrar referências à integração das bibliotecas nos programas de educação de adultos e de educação de base. (31) O relatório norte-americano dá uma ênfase especial à participação das bibliotecas em tais atividades. Quem já visitou os Estados Unidos sabe que essa ênfase exprime uma esplêndida realidade. A presença das bibliotecas na vida norte-americana é um fato impressionante. E' uma presença viva, atuante, dinamicamente integrada no sistema educacional, na política e na economia tanto das grandes como das pequenas cidades e das comunidades rurais. De modo que ao proclamarmos ser a biblioteca mais importante do que a própria escola, nos programas de educação de base, não lançamos uma frase ôca, não emitimos uma idéia irresponsável, não enunciamos uma hipótese ainda por verificar. Trata-se de uma experiência centenária, que começou na Inglaterra, em 1850, com as chamadas *Free Public Libraries*. A conhecida frase de CARLYLE — "a biblioteca pública é a universidade do povo; a verdadeira universidade é uma coleção de bons livros" — foi inspirada por êsse movimento. Exprime uma vivência. Não é, como pensam alguns, uma frase retórica e sem conteúdo. Nos Estados Unidos, onde tudo parece ter sido multiplicado por mil — graças à generosidade que é, como assinala JACQUES MARITAIN, uma das "características básicas do povo norte-americano" (18: 54) — as bibliotecas públicas atingiram como que a plenitude. Inspirados por modernas técnicas comerciais, bibliotecários idealistas e dinâmicos transformaram as bibliotecas em "supermercados de informação, idéias e sonhos". E' desta maneira expressiva que BYRON HOPKINS caracteriza a biblioteca por êle organizada em East Orange, Nova Jersey: biblioteca com grande área para estacionamento de automóveis, paredes de vidro, estantes intensamente iluminadas e música melodiosa. Na Biblioteca Pública de Louisville, Kentucky, que tivemos oportunidade de visitar em fevereiro de 1961, os leitores podem levar para casa, por empréstimo, tantos livros quantos quiserem e também filmes, discos e quadros com reproduções de pinturas célebres, antigas e modernas. Para isto a biblioteca dispõe, à entrada, de carrinhos iguais aos dos supermercados, e também empresta bôlsas e até guarda-chuvas. A Biblioteca Pública de Louisville dispõe de duas estações de rádio e de uma televisão. Ela está, assim, armada com todos os modernos processos de educação das massas. Penetra em todos os lares tanto pelos livros, filmes, discos e gravuras que empresta como pelos programas educativos que transmite. Entre a biblioteca e a comunidade existe uma verdadeira integração. LASSO DE LA VEGA não exagera, portanto, quando afirma que "os Estados Unidos são, em grande parte, obra e criação dessa instituição maravilhosa, que em nenhuma povoação falta e cujos

serviços se estendem a todo núcleo de população, seja granja ou rancho, prisão ou fábrica, hospital ou quartel» (13: 7).

### 3. SITUAÇÃO BRASILEIRA: AUSÊNCIA TOTAL DAS BIBLIOTECAS NOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE BASE

O bibliotecário brasileiro que visita os Estados Unidos só pode regressar pessimista. Que fizemos nós, em nosso país, em matéria de bibliotecas? Fizemos fichas e nada mais! Em alguns Estados construíram-se grandes e belos edifícios. Há escolas de biblioteconomia. Há um Instituto Nacional do Livro e um Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. E' possível que em muitas bibliotecas seus responsáveis possam dizer que os serviços estão em dia. Todos os livros tombados, classificados, catalogados e alguns até emprestados. Mas qual a biblioteca da qual se possa dizer que atua como agência educacional? Qual a biblioteca da qual se possa dizer que serve à comunidade inteira? Qual a biblioteca que é levada realmente a sério pelas autoridades?

Há, no Brasil, uma Campanha Nacional de Educação Rural. Consta do Regulamento dessa Campanha, que é de 1952, o seguinte: "Entende-se por educação de base, ou educação fundamental, o mínimo de educação geral que tem por objeto ajudar as crianças, adolescentes e adultos a compreenderem os problemas peculiares ao meio em que vivem, a formarem uma idéia exata de seus deveres e direitos individuais e cívicos e a participarem eficazmente do progresso econômico e social da comunidade a que pertencem. Essa educação é educação de base porque se destina a proporcionar aos indivíduos e às comunidades o número de conhecimentos teóricos e técnicos indispensáveis a um nível de vida compatível com a dignidade humana e com os ideais democráticos, e porque, sem ela, as atividades dos serviços especializados (médicos, sanitários, agrícolas) não seriam plenamente eficazes" (1: 26).

Esta definição, que é também a da O.N.U. e de suas agências especializadas, pode ser a definição da biblioteca pública, tal como é encarada em diversos países. A própria Unesco reconhece isto. Em 1950, esta Organização patrocinou, na Suécia, todo um seminário sobre a "função das bibliotecas na educação de adultos e na educação fundamental". As Conferências internacionais sobre educação de adultos (Dinamarca, 1949; Canadá, 1960) vêm encarecendo a necessidade de integração das bibliotecas nos programas de educação de adultos. Há mesmo um *manifesto* no qual a Unesco proclama sua fé na "biblioteca pública como força viva para a educação popular e o crescimento da compreensão internacional e o fomento da paz". (24) Mas a Campanha Nacional de Educação Rural, que tão bem soube enunciar os seus objetivos, até hoje não se preocupou com a

organização de bibliotecas, como tinha obrigação de fazê-lo, pelo menos por meio de acórdos com o Instituto Nacional do Livro e com o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Não podemos compreender campanhas de alfabetização e de educação de base sem uma rede de bibliotecas que lhes assegure permanência. E' precária a alfabetização e a educação de base que se apóiam exclusivamente em aulas, sem incutir nos alfabetizados e nos educandos o gôsto e o hábito da leitura. Sem oferecer-lhes boas bibliotecas nas quais êsse gôsto e êsse hábito continuem a ser estimulados, durante e depois dos cursos e campanhas. A conseqüência lógica dessa situação é o impressionante fenômeno da *regressão ao analfabetismo*, que se nota em tôda a América Latina e já começa a preocupar os técnicos da Unesco. Alfabetização e educação de base sem bibliotecas é, portanto, trabalho perdido, semente boa, mas lançada em terreno sáfaro.

#### 4. BIBLIOTECAS ECOLÓGICAS

Evidentemente, não é de bibliotecas como as que existem no Brasil que os programas de alfabetização e de educação de base podem esperar o indispensável apoio. Nossas bibliotecas públicas se ressentem de muitos e diversos defeitos: edifícios e móveis inadequados, orçamentos exíguos, processos técnicos e administrativos antiquados, pessoal incompetente, etc. Parece-nos, entretanto, que o maior defeito é aquilo que um marxista chamaria de alienação, isto é, seu alheamento da realidade temporal e espacial. Além daquele conjunto de livros que constituem o patrimônio cultural da humanidade e da nação, devem as bibliotecas públicas orientar sua política de aquisições em dois sentidos: o dos problemas atuais do Brasil e do mundo e o das necessidades locais. A ênfase em publicações que interessem diretamente ao comércio, à indústria e à agricultura do lugar daria às bibliotecas a integração ao meio de que necessitam para se constituírem em base da educação fundamental. Teríamos assim, verdadeiras bibliotecas ecológicas, de inegável importância para os programas daquele tipo de educação.

Com êste propósito, muitas noções devem ser revistas. Uma delas é a de que as bibliotecas são "templos do saber" e, como tais, devem ter aparência vetusta e exigir dos freqüentadores paletó e gravata. LASSO DE LA VEGA disse uma vez, justificando a necessidade da biblioteca apresentar-se de modo atraente, que ela tem de lutar com tôdas as seduções de uma cidade: o cinema, o teatro, a buate, o bar, o estádio, etc. Eis por que as modernas bibliotecas norte-americanas se apresentam com o aspecto atraente dos supermercados, cheias de vidros, luzes e música. Não é possível que, diante de tantas atrações oferecidas aos jovens, continuem as bibliotecas com aparência severa e rígido código do que é proibido fazer. Na Biblioteca Pública de Louisville,

os cartazes que pedem "silêncio" foram substituídos por outros que dizem: "pense". Também os sistemas de classificação devem ser adaptados, no sentido de atrair os consulentes. Na Biblioteca Pública de East Orange os assuntos dos livros são indicados, nas estantes, por frases sugestivas, como, por exemplo, em vez de "Religião" a frase: "Eu creio nisto", em vez de "Geografia" a frase: "O mundo que nos rodeia", em vez de "Psicologia" a frase: "Nossa vida mental", em vez de "Biografias" a frase: "Vidas ilustres", etc.

#### 5. INTEGRAÇÃO DAS BIBLIOTECAS NO SISTEMA EDUCACIONAL DO PAÍS

O desprezo ou, pelo menos, o esquecimento das bibliotecas não ocorre apenas no setor da educação de base. Podemos dizer que todo o sistema educacional brasileiro se ressentia dessa falta. Nota-se algum progresso no ensino superior, mas, mesmo aí, a biblioteca não é, como deveria ser, objeto dos maiores cuidados. Não há universidade brasileira cujo serviço de bibliotecas esteja em primeiro plano. Em primeiro plano estão sempre os hospitais de clínicas, em edifícios suntuosos, enquanto as bibliotecas esperam dias melhores em prédios adaptados. Não é isso o que ocorre nas universidades norte-americanas. Entramos nos campos de Harvard, de Colúmbia, de Princeton, de Louisville, de Illinois, de Chicago, de New York, e vemos que os edifícios mais imponentes são os das respectivas bibliotecas. Desta simples observação concluímos que nas universidades norte-americanas as bibliotecas têm, de fato, a primazia das atenções docentes e discentes. Não há hospital de clínicas ou outro departamento universitário que lhes dispute essa primazia.

Os próprios estudantes brasileiros, em geral, não se dão conta da importância das bibliotecas — eis que promovem debates sobre a necessária "reforma universitária", mas nem de leve se referem às deficiências das bibliotecas, com verbas insuficientes, serviços técnicos e administrativos anacrônicos, instalações inadequadas.

Reclamamos, para corrigir esta situação, o trabalho em comum de bibliotecários e educadores e a colaboração íntima entre o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, o Instituto Nacional do Livro, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e as Campanhas do Ministério da Educação e Cultura.

#### 6. BIBLIOTECAS NA ERA DA AUTOMAÇÃO

Houve quem pensasse no desaparecimento ou, pelo menos, no desprestígio do livro, em face dos processos audiovisuais de comunicação. O próprio OTLET, que foi o pai da documentação, admitia ser esta, apenas, "um dos departamentos de uma

classe mais geral: a dos meios de informação e de comunicação" (23: 217). "O livro — escreveu ainda OTLET — é simplesmente um meio: não é um fim. Outros meios existem e vão, pouco a pouco, satisfazendo mais do que o livro e o substituindo". E acrescentava, exemplificando: "as exposições universais substituem vantajosamente os tratados de geografia; a história torna-se conhecida do grande público por meio das óperas; os museus atraem a atenção para as ciências". Poderia ter dito mais: as estações de rádio e de televisão, quando bem orientadas, como na Inglaterra, são verdadeiras universidades do povo e podem contribuir para a instrução e a educação em todos os graus. Nada disto, entretanto, diminui a importância do livro ou das bibliotecas, principalmente em nossos dias, quando o excesso de horas de lazer provocado pela automação requer de todos os tipos de instituições — culturais, religiosas ou simplesmente lúcidas — um esforço comum no sentido do que GILBERTO FREYRE chamou de "organização do lazer": mais importante, como disse o nosso grande sociólogo, do que a própria "organização do trabalho", em sociedades automatizadas como as que já existem "no Ocidente europeu e na América Saxônica" (6: 21). Neste ponto, podemos dizer de OTLET o que já se disse do apóstolo São Paulo, isto é, que as muitas letras o fizeram delirar. Os livros não foram nem serão substituídos pelos processos audiovisuais. Na era da automação haverá lugar para todos os meios de informação e de comunicação, mesmo os mais antigos, como o livro. Pois, afinal de contas, como afirmou MALLARMÉ, "tudo existe para acabar em livro".

#### CONCLUSÕES

1ª) As necessidades inadiáveis da ciência e da indústria estão fazendo com que as bibliotecas públicas se dediquem às tarefas de informação científica, que devem ser cometidas às bibliotecas especializadas e aos centros de documentação. Essa mudança de rumo nos parece perigosa porque representa uma fuga das bibliotecas públicas à sua finalidade essencial e tradicional, que é a educação de adultos e a democratização da cultura.

2ª) Nenhuma outra instituição supera a biblioteca pública nessa tarefa. A educação de adultos está no cerne da própria definição de biblioteca pública.

3ª) Para realizar a sua missão como educador de adultos, o bibliotecário precisa de receber formação mais adequada nos cursos ou escolas de biblioteconomia, que devem incluir matérias como antropologia, sociologia, psicologia, etc.

4ª) A formação de bibliotecários e documentaristas pode ter uma base comum, humanista, mas não há porque fornecer

aos dois tipos de especialistas os mesmos conhecimentos complementares. Ministrem-se aos documentaristas os conhecimentos científicos do campo em que eles vão atuar e aos bibliotecários as matérias básicas dos educadores, como antropologia, sociologia, psicologia, etc.

5ª) Não existe coordenação entre os órgãos públicos especificamente biblioteconômicos — Biblioteca Nacional, Instituto Nacional do Livro, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação — e os pedagógicos (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, C.A.P.E.S., etc.). Dessa necessária coordenação depende a integração das bibliotecas públicas nos programas de educação de base.

6ª) O exemplo de Biblioteca Pública que se conhece no Brasil não é satisfatório. Os programas de educação de base exigem bibliotecas ecológicas, perfeitamente integradas na vida econômica e social de cada município.

#### DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA

1 — BRASIL. Campanha Nacional de Educação Rural. Regulamento. Revista da Campanha Nacional de Educação Rural, Rio de Janeiro 6 (8): jan./jun. 1959.

2 — BRASIL. Leis, decretos, etc. Decreto nº 50.370, de 21-3-1961: Dispõe sobre um programa de educação de base, e adota medidas necessárias à sua execução através de Escolas Radiofônicas nas áreas subdesenvolvidas do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do País, a ser empreendida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

*Diário Oficial*, Brasília, 22 mar. 1961, retificado em 23 mar. 1961. *Coleção das Leis de 1961* (Rio de Janeiro) Dep. de Imprensa Nacional, 1961, v. II, p. 486-487.

3 — BRIET, Suzanne. Qu'est-ce que la documentation? Paris, Éditions Documentaires, Industrielles et Techniques, 1951. 48 p. (Collection de documentologie, 1).

4 — DUMAZEDIER, Joffre & HASSENFORDER, Jean. Le loisir et le livre: éléments pour une sociologie de la lecture. *Bulletin des Bibliothèques de France*, Paris 4(6): 269-302, juin 1959.

5 — ELVIN, Lionel. Que es la educación fundamental? *La Educación*, Washington 1(3): 56, jul./set. 1956.

6 — FREYRE, Gilberto. Arte, ciência social e sociedade. Revista da Escola de Belas-Artes de Pernambuco, Recife 2(1): 17-30, 1957.

7 — GREENAWAY, Emerson. The librarian and adult education. *Library Quarterly*, Chicago 31(1): 25-32, Jan. 1961.

8 — GRILLO, Sylvia de Queiroz. A educação de adultos e a biblioteca. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro 3(3): 68-77, set. 1939.

9 — HOULE, Cyril. *Funcion de las bibliotecas en la educación de adultos y en la educación fundamental. Informe sobre el seminario de Malmö por CYRIL O. HOULE, director del seminario, con los informes preparados por YVONNE ODDON, LACHLAN F. MACRAE y otros.* (Paris) Unesco (1951) viii-195 p. (Manuales de la Unesco para las bibliotecas publicas, 4).

10 — JOHNSON, Alvin Saunders. Origens da educação de adultos através da biblioteca. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro 1 (3): 81-84, mar. 1942.

Transcrição do livro *The public library, a people's university* (New York, American Association for Adult Education, 1948. ix-85 p. Studies in the social significance of adult education in the United States, 9).

11 — KIRKEGAARD, P. Education of readers taste. In: Congresso Internacional de Bibliotecas e Centros de Documentação. Bruxelas, 1955. *Preliminary reports*. La Haye, M. Nijhoff, 1955, vol. I, p. 130-132.

12 — LANGLOIS, Charles-Victor. Les bibliothèques populaires. In: *Questions d'histoire et d'enseignement ... nouvelle série...* Paris, Hachette, 1906, p. 293-320.

"Article-programme du *Bulletin des Bibliothèques Populaires*, dont le premier numéro a paru en janvier 1906".

13 — LASSO DE LA VEGA Y JIMENEZ PLACER, Javier. *Manual de biblioteconomía; organización técnica y científica de las bibliotecas...* Madrid, Mayfe, 1952. xvi-718 p.

14 — Bibliotecário e documentalista, uma divergência e um problema Trad. de Lygia N. Fernandes. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro 86 (3): 137-155, mar. 1960.

15 — LENGAND, Paul. La educación de adultos. *La Educación*, Washington 1 (4): 4-18, oct./dic. 1956.

16 — LOURENÇO FILHO, M. B. Educação de adultos, M.E.C. Rio de Janeiro 2 (12): 35, jul./agosto 1959.

Carta aprovada na sessão de encerramento do 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos.

17 — MARINHO, Inezil Pena. Uma "experiência sobre educação de base para trabalhadores". *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro 24 (60): 250-254, out./dez. 1955.

18 — MARITAIN, Jacques. Reflexões sobre os Estados Unidos. (Tradução de Manuel Bardeira) Rio de Janeiro, Fundo de Cultura (1959) 223 p.

19 — MORAES, Rubens Borba de. *O problema das bibliotecas brasileiras*. Rio de Janeiro, (Casa do Estudante do Brasil) 1943, 64 p. (Série Itamati).

20 — MOREIRA, João Roberto. Educação rural e educação de base. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro 27 (67): 87-129, julh./set. 1957.

21 — *Uma experiência de educação; o projeto piloto de erradicação do analfabetismo do Ministério da Educação e Cultura*. (Rio de Janeiro) M.E.C. 1960, 102 p.

22 — MORISOT, Michel. Les loisirs, problème social. In: Laroque, Pierre, ed. *Succès et faiblesses de l'effort social français*, par Suzanne Grévisse (et d'autres) Paris, A. Colin, 1961, p. 167-178.

23 — NANNETTI, Guillermo. Concepto y alcance de la educación fundamental. *La Educación*. Washington 1 (3): 2-12, julh./set. 1956.

24 — Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *La biblioteca pública, fuerza viva para la educación popular*. (Paris, 1949) 1 f. desd.

25 — OTLET, Paul. *Traité de documentation; le livre sur le livre; théorie et pratique ...* Bruxelles, Editiones Mundaneum, 1934. 443-viii p.

26 — RANGANATHAN, S.R., ed. *Public library provision and documentation problems*. Delhi, Indian Library Association; London, G. Blunt, 1951, p. 47-54.

27 — REISSIG, Luis Principios y desarrollo de la educación fundamental. *La Educación*, Washington 1 (3): 13-19, julh./set. 1956.

28 — *Seminário Regional sobre o Desenvolvimento de Bibliotecas na Ásia Meridional*. Delhi (Índia), 1960. Informe resumido. *Boletín de la Unesco para las Bibliotecas*, Paris 15 (2): 75-83, mar./abr. 1961.

29 — SHERA, Jesse H. & EGAN, Margaret E. Exame do estado atual da biblioteconomia e da documentação. In: Bradford, S.C. *Documentação ...* (Trad. de M.E. de Mello e Cunha. Rio de Janeiro), Fundo de Cultura (1961) p. 15-60.

30 — THOMSEN, Carl et alii. *La biblioteca pública y la educación de adultos ...* (Paris) Unesco, 1950. x-119 p. (Manuales de la Unesco para las bibliotecas públicas, 3).

31 — UNIÃO PANAMERICANA. La educación fundamental en América. *La Educación*, Washington (3) 26-50, julh./set. 1956.

32 — Desarrollo de la educación de adultos en América. *La Educación*, Washington 4: 19-45, oct./dic. 1956.

33 — VILELA, Ruth. A Biblioteca e a educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro 19 (49): 126-129, jan.mar. 1953.